TL 4211

REALIDADE E SONHO

Para Austen Goodman Solano de Almeida

Na minha casa em Lahane, cidade de Díli, ilha de Timor, havia quatro quartos, um dos quais meu quarto de cama, esta provida de mosquiteiro cujo vértice cónico se prendia ao tecto de ripado de palapa, peciolos da palmeira Corypha ou palapeira. Num dos outros, dormia o Solano, aviador, a título provisório, enquanto lhe não chegasse a família vinda da Metrópole e ocupasse, então, sua própria casa. Os outros dois quartos, que não entram na estória, definiam respectivamente a sala de estar e o quarto de arrumações.

Noite alta, tinhamos ambos chegado de uma festa, de um kora-metan, hábito ferrado de timorenses cristãos e gentios e correspondente ao que em gíria metropolitana é conhecido pelo "levantar do luto". Prescrita ritualmente, a festa adquiriu por aculturação carácter acentuadamente profano em que as libações entremeiam com bailaricos ritmados por música de disco e, algumas vezes - depende das posses - por pequena orquestra de violinos, violas e tamborecos locais. Após breves palavras de comentário chistoso, cada um de nós enfiara no respectivo quarto e, em breve se ouvia o ressonar pausado do Solano.

O corredor, de pé alto mas estreito, comunicava a parte habitada da fortaleza com a vasta cisterna de bem construida fábrica, como a que em fotografias se nos depara na fortaleza de Mazagão ou, sem água, na cripta dos reis de Leão. Arcos sucessivos de feição românica, paredes fortes rasgadas aqui e ali por frestas iluminadoras. Era por esse corredor que eu caminhava, mal seguro, mas ansioso por abrir a porta de ferro que vedava a cisterna ao alheio andar. Minha intenção era a de descer até ao rés-vés da água e mergulhar nelas as minhas mãos escaldantes. Dito e feito, comecei a descer os degraus, mas à medida que o fazia não sei que sentimento de desejo e de terror de mim se apoderava, como se poderosa força tentasse, em vão, suster o ímpeto avassalador. Pequenas vozes em crescendo súbito, nascidas em mim próprio, avisavam-me de perigos insuspeitados." Não te atrevas a mergulhar as mãos pois sofrerás castigo inaudito". Estas e outras frases similares ocorriam constantemente, mas o efeito não se fazia sentir. Determinado, continuei a descer, maravilhado com a tranquilidade que a superfície da toalha d'água reflectia, agachei-me e mergulhei as mãos na água fresca e algo gélida. A sensação deliciosa que senti durou, no entanto, pouco tempo, um minuto por muito. Logo após um grito ecoou pelas abóbodas, estridente e ameaçador, e eu, desnorteado, levantei-me e, tropeçando, subi os degraus, entrei no corredor a correr e esqueci-me por completo de fechar a porta.

Quando dei por mim, o mosquiteiro estava em farrapos, uma dor aguda feria-o ombro esquerdo e um pequeno vulto fugídio eclipsava-se na escuridão. Ouvi a voz

do Solano,perguntando : " que aconteceu,que aconteceu?!" Logo depois entrou no meu quarto,de vela na mão,completamente nu.Eu,especado,imóvel,de pé,sem me poder mexer,murmurava a medo,com a voz entrecortada :"acuda-me,acuda-me . Não vê o sangue?!"De facto,o sangue escorria-me do ombro,que eu procurava estancar num canto do lençol.Solano agarrou-me no braço,puxou-me para si e disse:: Você vem para o meu quarto,vai dormir comigo,não pode ficar só." Eu acedi,abandonado,não sem deimar de lançar um olhar ao tecto.Nos entremeios do ripado,fitavam-me inúmeros olhinhos vivos,brilhantes,como crepitantes faulhas.A verdade surgiu,de repente.Fora mordido por uma ratazana.Mas que relação poderia haver entre o animal e a cisterna e o desejo ardente de mergulhar as mãos na água gélida? No dia seguinte fui ao médico que diagnosticou esgotamento cerebral, dado que ao abrir um telegrama nessa mesma manhã não conseguira ver mais que uma nuvem de moscas salpicando de luz e sombras os meus olhos.O Governador mandou-me para a Ermera,posto de altitude com grande plantação de café e muita chuva.Descansei lá durante quinze dias.Águei a vista!

22/7/83

Ruy Cinatti

Ruy Cinatti